

## **A SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA QUE SE ENCONTRA RETIDA NO FINAL DO 1º CICLO**

Josiene Araújo de Vasconcelos <sup>1</sup>

Patrícia Caravieri Teixeira <sup>2</sup>

### **RESUMO**

A socialização da criança retida ao final do 1º ciclo tem por objetivo verificar como se dá a socialização do aluno retido com os demais colegas e professores a fim de perceber a que ponto essa socialização pode interferir na aprendizagem dessas crianças. A escola da rede municipal onde foi realizado este trabalho foi escolhida mediante um sorteio. No decorrer do trabalho, observou-se a prática pedagógica do professor contribuiu para despertar o interesse de aprendizagem por parte do aluno retido e como o professor interage com esse aluno, como conduz sua aula para motivar o aluno retido e envolvê-lo com os demais colegas. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, baseada na observação em uma sala de aula com alunos do 1º ciclo. Para obtenção desses dados se fez necessário um primeiro contato com a coordenação da escola a qual nos encaminhou até a turma em que os alunos se encontravam retidos. Para entendermos o processo de socialização da criança retida ao final do ciclo desenvolvido pelos professores utilizamos como fundamentação teórica os autores Piletti (2008), Freitas (2003,) Freire (1996) Secretaria do Estado do Mato Grosso (2001), entre outros. Sem a pretensão de esgotar tal assunto, constatamos ao final deste estudo que os professores se preocupam mais em passar conteúdos não levando em consideração o processo de socialização que se faz necessária em toda etapa de ensino na vida do educando para o processo de aprendizagem dos mesmos e que, ainda existem muitos conceitos da lógica classificatória em suas práticas.

**Palavras - Chaves:** Criança. Retida. Socialização.

### **1. Introdução**

A educação sendo universal varia de sociedade para sociedade, de um grupo social a outro, segundo as concepções que cada sociedade e cada grupo social tenham de mundo, de homem, de vida social e do próprio processo educativo (Piletti, 2008).

Ressalta, desta observação, a enorme importância que tem o estudo da história da educação, pois permite nos avaliar como ela foi entendida e praticada, em épocas e sociedades diferentes.

A história da educação no Brasil teve seu início em 1549 com a chegada dos primeiros padres jesuítas, movidos por intenso sentimento religioso de propagação da fé cristã. Durante mais de 200 anos, os jesuítas foram praticamente os únicos educadores do Brasil.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Somente em 1808, com a mudança da sede do Reino de Portugal e a vinda da família Real para o Brasil - Colônia, a educação e a cultura tomaram um novo impulso, surgindo instituições culturais e científicas, de ensino técnico e dos primeiros cursos superiores. A obra educacional de D. João VI, importante em muitos aspectos, voltou-se para as necessidades imediatas da corte portuguesa no Brasil, marginalizando o ensino primário.

Na Constituinte de 1823 e 1824, começaram os primeiros esforços para a constituição do ensino primário no Brasil. Em 15 de outubro de 1827 foi determinado a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e vilarejos, envolvendo as três instâncias do Poder Público.

No período republicano foi mantida a descentralização da educação básica impedindo o governo central de assumir posição estratégica de formulação e coordenação da política de universalização do ensino fundamental, a exemplo do que então se passava nas nações desenvolvidas. Em decorrência, se ampliaria ainda mais a distância entre as elites do País e as camadas sociais populares.

Inúmeras reformas do ensino primário foram feitas em âmbito estadual após a Primeira Guerra Mundial. Surgindo a primeira grande geração de educadores, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Almeida Júnior, entre outros, que lideraram o movimento, tentaram implantar no Brasil os ideais da Escola Nova e divulgaram o Manifesto dos Pioneiros em 1932, documento histórico que sintetizou os pontos centrais desse movimento de ideias, redefinindo o papel do Estado em matéria educacional.

Surgiram nesse período as primeiras universidades brasileiras. A Constituição promulgada após a Revolução de 1930, em 1934, consignou avanços significativos na área educacional, incorporando muito do que havia sido debatido em anos anteriores. Nesta constituição Destaca-se: “A educação como direito de todos; a obrigatoriedade da escola primária integral; a gratuidade do ensino primário; a assistência aos estudantes necessitados etc.” (PILETTI 2008, p.75).

No entanto, em 1937, instaurou-se o Estado Novo concedendo ao país uma Constituição autoritária, registrando-se em decorrência um grande retrocesso. Após a queda do Estado Novo, em 1945, muitos dos ideais foram retomados e consubstanciados no Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional, enviados ao Congresso Nacional em 1948 que, após difícil trajetória, foi finalmente aprovado em 1961, Lei nº 4.024.

Nesta lei em seu Art. 1º reza que: “A educação nacional, inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana” (PILETTI, 2008, p.101). Na fase que precedeu a aprovação da LDBEN/61, ocorreu um admirável movimento de educadores e outros setores da sociedade como órgãos de imprensa, sindicatos e outras categorias profissionais em defesa da escola pública, universal e gratuita.

O movimento de 1964 interrompeu essa tendência. Em 1968 e 1971, foram aprovadas respectivamente a Lei 5.540/68 e 5.692/71, introduzindo mudanças significativas na estrutura do ensino superior e do ensino de 1º e 2º graus que voltaria compreender todos os graus e modalidade de ensino.

Hoje com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/1996 (LDBEN) propiciou grande avanço no sistema de educação de nosso país, visando que a escola se torne um espaço de participação social, valorizando a democracia, o respeito, a pluralidade cultural e a formação do cidadão, dando mais vida e significado para os estudantes. Vejamos o que diz as LDBEN 9394/96, em seu art. 2º

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Segundo a LDBEN, afirma que quando nos referimos a todos os cidadãos o direito a educação, não nos limitamos a crianças menores de idade, mas sim, aos que não tiveram acesso à escola na idade correta.

Pilletti (2008) diz as leis são feitas, mas não se providenciam recursos para que sejam cumpridas. A educação ainda tem um longo caminho a percorrer diante de tais problemática como evasão, defasagem que envolve todo processo educacional, família, sociedade, formação de professores e políticas públicas.

O que muito nos preocupa é saber que o século XXI vem marcado por um paradigma educacional emergente, em busca da construção de uma nova sociedade; a sociedade do conhecimento. Saber aprender e ensinar nesse

contexto é um constante desafio e implica criar condições no cotidiano escolar que possibilite as dimensões humanas voltadas para a ética e a cidadania ativa, o saber em fluxo, o desenvolvimento das tecnologias e o avanço da ciência requer novos ambientes e possibilidades de construção do conhecimento e este saber aprender e ensinar inclui a todos inclusive os que estão em defasagem idade série, mas será que estes conseguirão vencer as batalhas educacionais ao meio de tanto obstáculos?

## **2. ESCOLA CICLADA**

A história da escola ciclada baseada em relatos de Mato Grosso (2001) e autores como Freitas (2003) que nos contempla com sua análise referente à proposta e organização da escola ciclada. Para entender esse processo tem que compreender que a escola ciclada tem seu aparato legal dentro da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional.

A escola ciclada está regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Nº 9394/96, com adequação para o Estado de Mato Grosso pela Resolução 262/002/CEE/MT. As unidades escolares se organizam por Ciclos de Formação, considerando as diferentes etapas de desenvolvimento do ser humano.

De acordo com a Secretaria do Estado Mato Grosso (2001) a mudança de uma escola seriada para uma escola ciclada justifica-se pela necessidade imperiosa que a *atual* conjuntura político-econômica e social tem colocado, exigindo um novo paradigma de escola e de educação que entenda as reais necessidades da população, contemplando as novas relações entre desenvolvimento e democracia.

A escola ciclada na perspectiva da Secretaria do Estado de Educação de Mato Grosso (2001) veio suprir as necessidades da escola seriada tornando o ensino menos excludente e seletivo trabalhando em favor das classes menos favorecidas diminuindo as evasões escolares preparando o educando para a vida sociopolítica e cultural. Respeitando assim o ciclo de vida do educando e propiciando o aprendizado.

A escola ciclada deve ser trabalhada de acordo com os Ciclos de formação que seria cada etapa de desenvolvimento do educando. “Os

conteúdos a serem trabalhados precisam corresponder aos focos de interesses e ao desenvolvimento cognitivo.” (Mato Grosso, 2001 p 101)

Mato Grosso (*apud* LIPMAM, 2001) aponta um possível caminho para o I Ciclo que consiste inicialmente em explorar a curiosidade, o deslumbramento das crianças frente ao mundo, ao seu cotidiano e sua própria identidade, estimulando-as a perceberem o que está a sua volta e a demonstrarem e compartilharem o que o percebem de forma verbal, escrita e artística.

O II Ciclo de acordo com Mato Grosso (2001) já é possível a exploração mais aprofundada do cotidiano, da natureza e dos conteúdos disciplinares, abordando-os historicamente, culturalmente e politicamente.

E por fim o III ciclo caracterizado por um trabalho em prol da coerência das discussões, dos argumentos e das inferências deles extraídas, momento em que a filosofia colabora como modelo de organização de idéias e também como fonte de exploração lógica dos conceitos, porém, o que deve estar presente em qualquer idade ou ciclo escolar são as questões filosóficas que devem tratar assuntos voltados para uma formação crítica, autônoma e participativa dos educando.

A cultura, a realidade social e os conhecimentos prévios do aluno são conhecidos e considerados. Sua aprendizagem é avaliada continuamente, e suas pequenas conquistas e avanços são aprovados.

[...] Portanto, os ciclos devem planejar suas vivências sociais com forte vínculo com a realidade social com forte ligação com esta atualidade e não apenas como vivências associadas aos interesses de certa faixa de desenvolvimento da criança. (FREITAS, 2003, p. 57)

O ciclo não surgiu apenas para solucionar problemas, mas como uma manifestação em busca de oferecer uma educação de equidade a todos, sem distinção socioeconômica (em que a seriação realizava). Nesse sentido, não basta que os ciclos se contraponham à seriação, alterando apenas tempos e espaços. É fundamental alterar também, o poder inserido nesses tempos e espaços, fazendo da escola um tempo de vida, e não de preparação para a vida.

O educador tem que conhecer a realidade de seus alunos, para que a partir disso, construa um projeto curricular que venha a contribuir na construção do conhecimento, procurando relacionar o novo, com o que o aluno já sabe.

A organização em ciclos pressupõe uma avaliação mais diagnóstica, formativa, que possa orientar o que fazer com os alunos, [o que ensinar o que ensinar novamente], para que todos possam aprender o máximo.

A Escola Ciclada depende de uma política educacional que atinja, principalmente, o professor, pilar da transformação investindo em formação continuada, pois uma parte significativa dos educadores tem consciência da necessidade de mudança, mas, ao mesmo tempo sentem-se perdidos diante de uma nova proposta.

De acordo com Paulo Freire (1996) ensinar exige respeito aos saberes dos educandos por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, á escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela como saberes socialmente construídos na prática comunitária.

Com base nos estudos sobre o contexto da escola ciclada, bem como nas reflexões feitas com base nas idéias de Freitas (2003), Mato Grosso (2001), Freire (1996), Piletti (2008) fazer-se a uma abordagem do que foi visto nas salas de aulas com os alunos que estão freqüentando o mesmo ano por mais de uma vez.

## **2.1. Alunos retidos no final do 1º Ciclo**

A presente pesquisa foi realizada em uma das escolas municipais localizada no município de Araputanga – MT. Para realização desse trabalho foi necessário um primeiro contato com a secretaria da escola a qual nos forneceu dados dos alunos que se encontravam retidos. Para que pudesse observar a turma (alunos retidos) e o trabalho desenvolvido pelo professor.

No decorrer desta pesquisa foi feita uma observação dos alunos que frequentavam o terceiro ano do Ensino Fundamental e que este ano por mais de uma vez, ou seja, que já foram retidos, neste ou em anos anteriores. Nesta turma foram encontrados cinco (5) alunos nesta situação e pude perceber que os mesmos que ficaram retidos apresentam um comportamento mais retraído que os demais. Em caso de dúvidas se faz necessário que o professor se aproxime deles, bem como apresentam muita dificuldades para desenvolver os exercícios propostos pelo professor.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 2001) apesar da melhoria observada nos índices de evasão, o comportamento das taxas de promoção e repetência na primeira série do ensino fundamental ainda está longe do desejável: apenas 55%, do total de alunos são promovidos, reproduzindo assim o ciclo de retenção.

De acordo com os dados dos PCN's, uma das consequências mais graves decorrentes das elevadas taxas de repetência manifesta-se, nitidamente, na acentuada defasagem idade/série. Sem dúvida, este é um dos problemas mais graves do quadro educacional do país. Basta observar que mais de 60% dos alunos do ensino fundamental têm idade superior à faixa etária correspondente a cada série, e na região Nordeste chega a 80%.

[...] A defasagem escolar idade/série também acaba trazendo desafios adicionais ao trabalho escolar na medida em que, tendo, numa mesma série, crianças e adolescente com motivações, interesses e necessidades muito diferentes [...], (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2001, p. 28).

Outra ressalva que podemos fazer diante da observação feita na sala de aula é a relação professor aluno referente à socialização dentro da sala de aula, pois o que foi observado é que o professor pouco se dirige ao aluno que se encontra retido, dando mais ênfase aquele que se sobressai diante das atividades realizada no âmbito escolar aquele aluno participativo e que não apresenta dificuldade na aprendizagem é focalizado pelo professor e elogiado enquanto os demais se fazem oculto diante da indiferença do professor.

Diante desta ressalva vejamos o que diz Vygotsky (apud Secretaria de Educação, 2001) há dois níveis de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O primeiro refere-se às funções psicológicas cujos ciclos de desenvolvimento já se completaram, ou seja, são as atividades que o sujeito realiza sozinho, sem o auxílio de outra pessoa, mas, para isso, foi necessária, anteriormente, a interação com outra pessoa mais experiente na cultura. Já o segundo nível corresponde às funções ainda não amadurecidas, uma vez que exigem a presença de outro mais experiente culturalmente para que se desenvolvam. Vygotsky diz que:

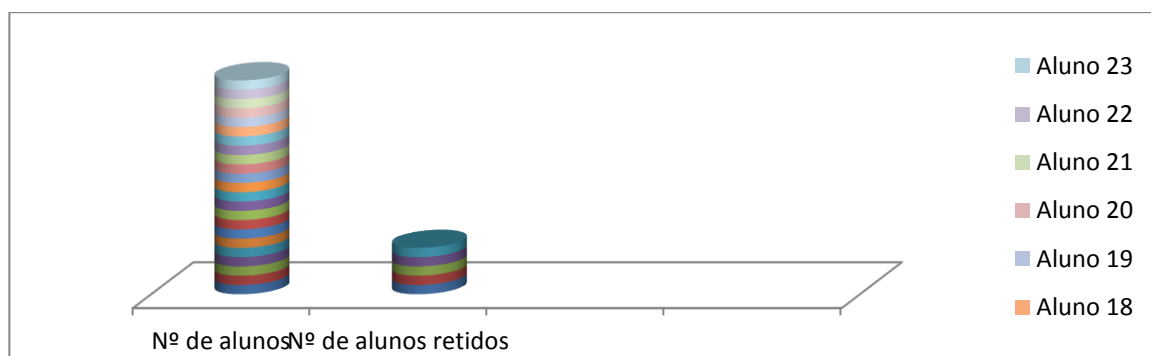
[...] é no âmbito da zona de desenvolvimento proximal que temos a intervenção da educação escolar e do professor propriamente dito, uma vez que este como mediador entre o aluno e o conhecimento,

deve preocupar-se em florescer os “brotos” do desenvolvimento, mobilizando as funções psicológicas que estão por se desenvolver. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO MATO GROSSO, 2001, p.40).

Quanto à relação dos alunos retidos com os demais alunos da sala podemos constatar que os mesmos se sentem excluídos em algumas atividades dentro da sala de aula, pois os demais alunos gostam de fazer suas atividades com aqueles alunos que tem melhor desenvolvimento cognitivo.

Como podemos perceber nos dados acima a retenção dos alunos acarreta um peso profundo para aprendizagem dos mesmos, pois o fato de serem deslocado de sua turma e terem de se adaptar as novas relações de convívio no âmbito escolar no qual se faz necessário no processo de aprendizagem pode causar desmotivação por parte destes alunos e é o que veremos a seguir com base na entrevista aplicada com os alunos de uma escola pública retidos no final do 1º ciclo.

**Gráfico 1.** Refere-se à quantidade de alunos que se encontram retida em uma turma de vinte três alunos



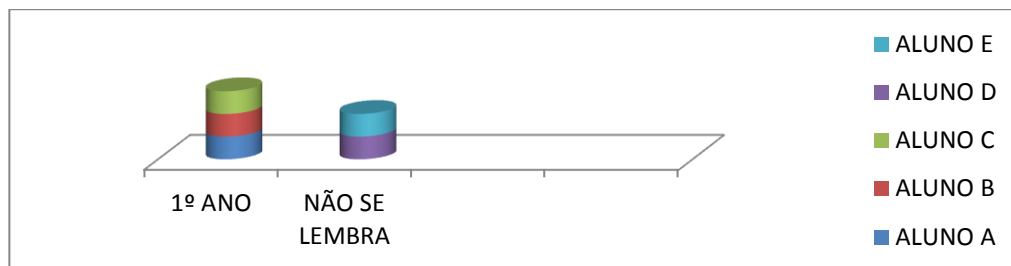
De acordo com o gráfico podemos constatar aqui que dos vinte três alunos da turma cinco alunos se encontram retidos.

A pergunta B é referente ao ano de retenção do aluno.

a) Qual o ano?



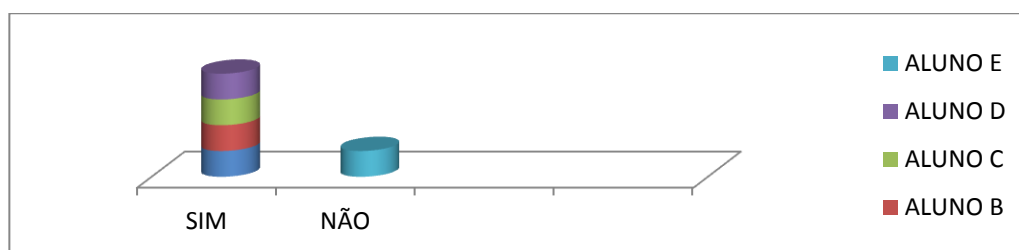
**Gráfico 2.** Referente ao ano de retenção do aluno.



Neste gráfico, podemos perceber que dos cinco alunos retidos no primeiro ciclo três responderam que ficaram retidos no 1º ano e dois responderam que não se lembram em que ano ficaram retidos.

A pergunta C é referente à socialização com os demais alunos da sala.

**Gráfico 3.** Você percebe alguma diferença no tratamento dos seus colegas com você?



Neste gráfico constatou-se que dos cinco alunos retidos quatro responderam que percebem diferença em relação ao tratamento dos demais colegas de sala e apenas um disse que não há problema em relação ao tratamento dos demais colegas da sala.

b) Qual a diferença que você percebe?

ALUNO A:

R: "Fazem brincadeira que eu não gosto, puxa meu cabelo, ficam rindo quando eu não sei responder o que a professora pergunta".

ALUNO B:

R: "Fazem graça, brincadeiras que eu não gosto... Ah você repetiu"

ALUNO C

R: "Fazem brincadeira, tiram sarro".

ALUNO D

R: "Ficam rindo quando eu não sei responder o que a professora pergunta".

ALUNO E

R: “Não”. O aluno disse que não percebe diferença no tratamento dos colegas.

Estas respostas merecem um pouco mais da nossa atenção, pois aqui, percebe-se que dos cinco (5) alunos retidos quatro (4) responderam que se sentem discriminados por estar retido o que atrapalha na socialização com os demais alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante o exposto acima, pudemos concluir que a retenção dos alunos prejudica não só a socialização, mas também o aprendizado, pois o professor ainda não sente preparado para atender estes alunos e valoriza demasiadamente os conteúdos, com isso, acabam inibindo a aprendizagem dos mesmos. Foi observado também que nem sempre o professor intervém quando os demais alunos fazem brincadeiras em relação à retenção desses alunos e este se sente inferior aos demais colegas de sala.

Através das observações e da entrevista, fica claro que o processo de aprendizagem destes alunos fica prejudicada dependendo da forma como o professor conduz o processo de socialização em sala de aula, o que exige então do professor um aperfeiçoamento constante. Segundo Mato Grosso (2001) o fato de permanecer no mesmo grupo de idade (ou pelo menos no grupo mais próximo à sua idade) permite ao aluno maior intercâmbio e interação, levando a uma socialização mais equilibrada.

Obviamente, o agrupamento por si só não garante a interação nem maior integração dos alunos, como não garante também a apropriação do conhecimento, por isso, a presença do professor, nesse caso, é de extrema importância, já que é mais experiente culturalmente assumindo o papel de mediador do processo de ensino-aprendizagem.

Não basta ao professor se preocupar apenas com a aprendizagem dos alunos que se encontram adiantados com o conteúdo, mas sim, com a qualidade de ensino que atinja a todos os alunos da sala e para isso é preciso motivar aqueles com mais dificuldades fazendo com que esses interajam com os demais colegas e com o próprio professor, porém o aluno precisa estar seguro de que possa contar com apoio do professor e este apoio devem estar

presentes em sua prática de ensino envolvendo os alunos retidos nas atividades coletivas buscando descobrir as dificuldades que os permeiam.

Enfim, o professor precisa rever, constantemente, a sua metodologia, transformando-a em algo que realmente signifique o resultado de um aprendizado de fato, pois, a busca pelo conhecimento é uma possibilidade de buscar a qualidade do ensino. A socialização deve ser sempre trabalhada como um processo de inclusão e não de exclusão.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL, Secretaria de educação fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução dos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação fundamental, Brasília; MEC/SEF, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. 39 ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREITAS, Luiz de Carlos. Ciclos, seriação e a avaliação: confronto de lógicas. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In:\_\_\_\_\_ Pesquisa em educação abordagens qualitativa. São Paulo: EPU, 1986.

MATO GROSSO, Secretaria do Estado de Educação. Escola Ciclada de Mato Grosso: novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer. 2 ed. Cuiabá: Seduc. 2001

PILETTI, Nelson. História da Educação no Brasil. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.